

Comentário Mensal

Mai/2026

Joule Apadma FIM

Todo portfólio carrega uma posição que parece deslocada do resto. Não está ali por engano, nem por diversificação no sentido preguiçoso do termo, aquele que confunde espalhar risco com diluir convicção. Está ali porque existem meses em que o que sustenta a cota é justamente aquilo com que ela menos se parece.

Mai foi um desses meses. O fundo encerrou o mês em alta de 1,45%, e quase todo esse resultado veio de um único nome: Micron, que sozinha, contribuiu com 6,79 pontos percentuais. Na outra ponta, quase tudo o que é brasileiro cobrou caro: Equatorial e BTG Pactual, dois dos nossos maiores pesos no país, caíram mais de um ponto cada. A leitura mais honesta do mês cabe em uma frase: a inteligência artificial carregou; o Brasil pesou.

Não é o acidente de um mês. É a colisão, sobre os mesmos ativos, de três forças que vinham correndo em paralelo: o custo de capital global subindo de forma sincronizada, o fluxo internacional concentrando-se de maneira quase obsessiva na IA e um Brasil que reabriu sua frente eleitoral no pior trecho do calendário fiscal. Tratamos cada uma a seguir, e depois mostramos onde essa leitura encontra, e onde tensiona, o portfólio.

O custo de capital cobra a conta da máquina

A IA é o ativo mais caro de financiar que existe. Em maio, o mundo encareceu o financiamento.

O mês começou com a curva inteira dos mercados desenvolvidos abrindo ao mesmo tempo. Os Treasuries de dez anos romperam os 5%, e movimentos sincronizados apareceram do Reino Unido ao Japão e à Coreia. O mercado deixou de discutir o ritmo de corte do Fed e passou a precificar “higher for longer”, com uma minoria barulhenta apostando até em nova alta. Esse é o pano de fundo que importa para a tese dominante do ano, porque o boom de inteligência artificial é, antes de tudo, um fenômeno de capital. Chips, energia, data centers. Tudo nele é intensivo em investimento, e o custo de capital subindo ataca exatamente esse vetor.

A pergunta natural é se o que sustentou as bolsas americanas em 2026 foi múltiplo ou lucro. A resposta é desconfortável para os pessimistas: foi lucro. O lucro projetado para os próximos doze meses do S&P avançou cerca de 15% no ano, enquanto o P/E à frente caiu de 23x para 21x, com a mediana recuando de 19x para 18x. O ROE do índice roda perto de 22%, junto da máxima histórica. Não é uma bolha de narrativa esticando preço sobre um lucro que não vem. Há fundamento embaixo da alta.

O alerta está em outro lugar. O prêmio de risco das ações americanas caiu ao piso histórico, perto de zero na medida mais ampla e em torno de 2% nos cálculos mais conservadores, contra uma média histórica de 3,1%. O investidor aceita ser pago quase o mesmo para carregar ação ou para carregar o título do tesouro americano. Não é o múltiplo que está caro. É o colchão que ficou fino. Uma alta ancorada em lucro é mais defensável do que a de 2000, e também deixa menos margem para erro.

Memória deixou de ser commodity

O mercado tratava a memória como o elo mais cíclico da cadeia. Maio colocou essa convicção à prova.

Foi o mês em que a memória deixou de ser nota de rodapé da tese de IA e virou o caso micro mais forte dela. Micron e SK Hynix cruzaram, cada uma, a marca de US\$ 1 trilhão de valor de mercado, a Micron subindo 19% em um único pregão, a Hynix acumulando mais de 250% no ano. No meio do movimento, o preço-alvo de consenso para a Micron mais que triplicou, de US\$ 535 para US\$ 1.625, uma revisão que seria absurda em qualquer leitura cíclica tradicional do setor.

O argumento por trás dela é estrutural, e vale entendê-lo porque é o que tensiona o consenso. Os chamados enhanced LTAs, contratos de três a cinco anos com parte do preço travada, já cobrem de 20% a 30% da oferta de DRAM de 2027 e de 60% a 70% do DDR5 dos hyperscalers, com a capacidade de HBM esgotada para todo o calendário de 2026. Os grandes compradores estão priorizando garantir volume sobre negociar preço. Se isso se confirmar, a amplitude pico-a-vale do ciclo de memória se comprime, e o ativo passa a merecer um múltiplo que não seja o de uma commodity.

E está se confirmando. A Micron ultrapassou a Samsung como segunda maior do segmento de HBM, já entregando amostras de HBM4 e antecipando em um trimestre o início da produção em volume, com toda a sua oferta de 2026 já comprometida. Do lado da oferta, o que o bear case temia não se materializou: em vez de uma corrida de capex capaz de afundar o preço, o investimento da indústria em DRAM cresce em torno de 14% no ano, modesto para um boom desta ordem, e o próprio líder de mercado preferiu cortar capacidade de HBM a alimentar um excesso à frente. Disciplina, não excesso. Ao mesmo tempo, a migração de pastilhas para a memória de alta banda seca a oferta de DRAM convencional, cujos preços dispararam e cuja escassez já se projeta até 2027, provavelmente 2028.

A leitura é direta: não estamos ignorando a ciclicidade que sempre definiu o setor. Estamos observando que ela está sendo redesenhada por contratos mais longos, oferta mais disciplinada e uma demanda por HBM que absorve capacidade de DRAM convencional. O ponto central não é pagar por um múltiplo de pico em um ciclo favorável, mas reconhecer que a própria estrutura de retorno do negócio pode estar mudando. É essa mudança de regime que sustenta a posição.

A tempestade quase perfeita, de novo

O Brasil reabriu sua frente mais sensível, a eleição, sem ter resolvido a vulnerabilidade que já carregava: o fiscal.

Enquanto o mundo discutia o preço da máquina, o Brasil reabriu sua própria novela. A revelação de mensagens entre Flávio Bolsonaro e Vorcaro, do Banco Master, em torno do financiamento de um filme, recolocou a eleição no centro do ruído de mercado, com o rombo de R\$ 47 bilhões do Master ao FGC como pano de fundo. As pesquisas vieram em ondas: rejeição de Flávio acima de Lula, um tracking apontando Lula à frente, e, no fim do mês, uma leitura menos negativa para Flávio. A corrida segue aberta e competitiva, que é o pior estado possível para quem precisa precificar custo de capital.

E o custo de capital local não ajudou. A atividade começou a desacelerar de forma mais consistente, com o IBC-Br de março caindo 0,7% na margem, enquanto a inflação piorava na qualidade: núcleos e serviços do IPCA-15 de maio acima de 6% em doze meses e o Focus levando o IPCA de 2026 para 5,09%. A Selic terminal de 2026 já se desloca de 13,0% para 14,25%, e o próprio modelo do Banco Central, sob leitura estrita, já não comporta cortes adicionais. Some-se a isso quatro vetores inflacionários ainda em aberto, do petróleo via Ormuz ao fim da escala 6x1, sobre uma dívida bruta acima de 80% do PIB. Como escrevemos em fevereiro, o mercado não precifica o estoque, precifica a derivada. A derivada brasileira, até aqui, aponta na direção errada.

Foi nesse quadro que o fluxo externo, muito negativo desde meados de abril, fez o resto. O que apelidamos em março de cleanest EM trade foi tratado, no mês, como simples fonte de funding: quando o capital global encontra uma história mais empolgante, vende-se primeiro o emergente mais líquido, mesmo o de melhores fundamentos. O investidor local virou a principal ponta compradora, o câmbio se comportou pela perspectiva de Selic alta por mais tempo, e a bolsa pagou a conta. Voltamos à matriz que desenhamos em fevereiro: dois destinos, disciplina ou deterioração fiscal, e dois caminhos até lá, a visibilidade gradual ou o gap único de uma correção tardia. E ainda assim, esta é a outra metade da verdade, partes relevantes da bolsa seguem em níveis historicamente descontados. O desconto está lá. O fluxo que o resolveria, não.

O resto do quadro

O ruído de curto prazo muda toda semana. O regime por baixo dele, não.

O fundo macro do mês confirma menos um evento e mais um regime. A inflação americana, com núcleo do PCE em 3,3%, e a europeia, acelerando para 3,2% em maio, sustentam um paralelo cada vez mais explícito com os anos 1970: choques sucessivos desde a pandemia, de Ucrânia a tarifas, imigração e Oriente Médio, recalibrando para cima as expectativas de preço. O próprio Oriente Médio mudou de natureza ao longo do mês, de choque que empurrava os juros longos acima de 5% para pano de fundo estrutural, com a sinalização de um acordo EUA-Irã derrubando o petróleo 5%. À margem, a proposta da USTR de uma tarifa de 25% sobre parte das importações brasileiras adiciona ruído, com impacto macro limitado, já que os EUA compram menos de 2% do nosso PIB. Há ainda um alerta de posicionamento que não muda nenhuma tese, mas pede disciplina no tamanho da exposição: a IA já responde por perto de metade do S&P, a alocação global em ações deu o maior salto mensal já registrado, e a fila de IPOs gigantes se acumula adiante. É contexto. Não é a história.

Onde a leitura vira portfólio

A frase do mês, a IA carregou e o Brasil pesou, é um retrato do fluxo, não um veredito sobre as teses. A leitura posição a posição mostra a diferença.

A Micron foi o motor, e merece a primeira palavra por isso. Não compramos o preço-alvo de US\$ 1.625; compramos, lá atrás, um negócio a seis ou sete vezes EBITDA cuja ciclicidade o mercado precificava como se nada tivesse mudado. O que mudou é o que descrevemos acima, e maio reforçou: mais contratos travando volume e preço, disciplina de capex entre os três fabricantes e uma escassez de memória que se estende a 2027. Com quase 12% do fundo ao fim de maio, é a nossa maior fonte de convicção internacional, e mesmo depois de cruzar US\$ 1 trilhão de valor de mercado ainda negocia a menos de dez vezes o lucro de 2027. O mês que carregou a cota foi também o que mais validou a tese.

A Tenda mostrou o outro lado do mesmo setor: a posição em que o negócio fala mais alto que o ciclo. Segunda maior contribuição do mês, é uma construtora de baixa renda num segmento onde a lógica é volume sobre preço e a margem se ganha no processo. Foi aí que ela passou anos transformando a construção de artesanal em industrial, e a “fábrica de apartamentos” que vem maturando padroniza, ganha escala e protege a margem onde o concorrente ainda depende de obra a obra. A preocupação do setor no mês foi o INCC, o índice que corrige o custo de construção, e é justamente aí que a Tenda se separa dos pares: carrega em orçamento uma provisão de inflação perto de 11%, contra 5% a 7% da concorrência. Onde o mercado enxerga risco de margem, ela já guardou a gordura. E o ambiente aliviou em vez de piorar, com o dissídio da construção civil fechando abaixo do ano anterior e a distensão no Oriente Médio tirando pressão das commodities, enquanto a força das vendas e das margens já leva a própria companhia a sinalizar uma revisão relevante do guidance para cima. Enquanto um nome tradicional do setor tinha o lucro cortado, preso a baixas contábeis e a uma estrutura mais complexa, a Tenda entrega previsibilidade, dividendos e uma história limpa por um múltiplo parecido. Não por acaso, o capital que havia deixado a baixa renda começou a voltar, e voltou primeiro por ela. A cerca de quatro vezes e meia o lucro de 2027, para um retorno sobre o patrimônio projetado na casa dos 35%, o preço ainda trata a entrega como dúvida. Precisa entregar, e tem entregado.

A Equatorial detraiu no mês, e a leitura está longe de um problema de tese. Como dissemos em março, nunca foi um jogo de juros, e sim de uma competência específica: comprar distribuidoras maltratadas, capturar eficiência, reduzir perdas e desalavancar até liberar capital para a rodada seguinte. É uma máquina de alocação que se autoalimenta, e o trimestre apenas confirmou o padrão, com a alavancagem recuando mais um degrau. O capítulo novo está no saneamento. A entrada na Sabesp, que já se valorizou mais de 50% em doze meses, mostrou que a competência de distribuição se transfere para a água. E, nos últimos dias, a Equatorial surgiu como única proponente pela Copasa, encaminhando mais uma privatização. Não é diversificação no sentido frouxo do termo. É a replicação, em um setor inteiro, do mesmo playbook que a construiu na energia: comprar bem um ativo subaproveitado, profissionalizar sua estrutura de capital e crescer via novos contratos de esgoto e tratamento. A ação ficou para trás apenas porque virou fonte de funding na rotação do mês, mas aos preços de hoje embute uma taxa interna de retorno real perto de 13%, à qual a privatização da Copasa pode somar cerca de mais um ponto. A tese acabou de ganhar mais uma avenida.

A Amazon, enfim, fez em maio exatamente o que se espera dela. Em fevereiro e março descrevemos as posições americanas como hedge estrutural: negócios que não vivem de reais e reduzem a sensibilidade do fundo ao fluxo estrangeiro. A AWS é a expressão mais limpa disso dentro da tese de IA. Enquanto a Anthropic ultrapassava a OpenAI em valuation no mês, boa parte da sua conta roda na infraestrutura da Amazon, com compromisso plurianual superior a US\$ 100 bilhões, chips próprios e o Bedrock como o balcão onde mais de cem mil clientes acessam modelos. O backlog do Bedrock já se aproxima de US\$ 35 bilhões, o triplo de um ano antes, e a inteligência artificial responde por mais de um quarto da receita de AWS. Com a margem operacional projetada para subir de 15% para mais de 25% nos próximos anos, o lucro cresce mais rápido que a receita, e o múltiplo de hoje vira uma conta que o tempo barateia. Amazon monetiza o superciclo como pedágio, não como aposta. Em um mês de estresse doméstico, foi o pedágio que segurou a cota.

O fio que costura essas quatro posições, e as demais que pesaram sem aparecer aqui, do bloco de mobilidade da família Simpar à educação e ao BTG, é o mesmo de sempre. Nenhuma foi comprada para ganhar em um mês específico, mas para que nenhum ambiente isolado seja dono do fundo. Como registramos em dezembro, sobreviver a um ciclo brutal de custo de capital virou, ele próprio, vantagem competitiva, e é desse filtro que sai a maior parte do que carregamos. O fluxo que saiu vai, em algum momento, voltar a uma porta estreita. Até lá, o desconto é a oportunidade, não a sentença.

O que muda. O que permanece.

Vimos um mês em que uma única posição internacional sustentou uma carteira majoritariamente brasileira, e em que o trade emergente mais limpo foi tratado como caixa eletrônico no instante em que o capital global achou uma história melhor para contar. É desconfortável. Também é o desenho funcionando, não falhando.

Mudou o ambiente, em três frentes ao mesmo tempo. O custo de capital deixou de ser problema brasileiro e virou global. A alta das bolsas americanas ficou mais bem ancorada em lucro e, no mesmo movimento, mais fina de colchão. E a eleição brasileira deixou de ser ruído de fundo para virar variável viva, com a Selic terminal subindo e a derivada fiscal ainda apontando para o lado errado.

O método não muda. Não arbitramos fluxo nem timing. Carregamos negócios que não precisam de um cenário perfeito, comprados a preços que limitam o que se pode perder, com um lastro em ativos que não dependem do real. O desconto não vira retorno quando o consenso enxerga. Vira quando se compra bem. Maio recompensou aquilo com que menos nos parecemos e cobrou caro pelo que somos. Nenhuma das duas muda o que faremos no mês seguinte.

São Paulo, 10 de Junho de 2026.



José Luiz Junqueira

Gestor de Renda Variável e CIO da Joule Asset Management

Joule
asset management

Relatório mensal

Fechamento Mai/2026

Cota atualizada em: 29/05/2026
Divulgado em: 01/06/2026

Joule Apadma FIM

Objetivo e Política de Investimento

Joule Apadma FIM é um fundo multimercado com estratégia de *trend following*, busca capturar ganhos através da análise de *momentum* de curto prazo (tendência de continuidade de movimentos). Investe em ativos financeiros de diversas classes como renda variável (ações e ETFs), juros e moedas no Brasil e em mercados globais (*offshore*).

O principal objetivo do fundo é gerar retornos consistentes acima do CDI (*benchmark*) em qualquer prazo, descorrelacionados com índices de mercados, sem exposição direcional e mantendo a volatilidade esperada entre 1% e 4% ao ano. A política de investimento do Joule Apadma FIM é não-direcional, gerido a partir da disciplina e comprovada experiência do gestor.

O Fundo Joule Apadma FIM representa uma boa alternativa de investimento de curto, médio ou longo prazos.

Público-alvo

Investidores de forma geral que buscam retornos consistentes acima do CDI, descorrelacionados de índices de mercados, e com baixo risco/volatilidade.

Características do Fundo

- Data de Início: 27/12/2018
- Taxa de Administração: 2% ao ano sobre o patrimônio líquido
- Taxa de Performance: 20% da rentabilidade acima do CDI (com linha d'água)
- Taxa de Ingresso ou Saída: Não há
- Aplicação Mínima: R\$ 1.000,00
- Movimentação Mínima: R\$ 500,00
- Prazo de Resgate: Financeiro D+3 (cotização D+2)
- Prazo de Carência: Não há
- Tributação: Alíquota de 22,5% a 15% sobre o ganho líquido de acordo com o prazo, retido na fonte no ato do resgate, já deduzidas as taxas de administração e performance
- Classe / Tipo ANBIMA: Multimercados / Multimercados Livre

Administrador:
SINGULARE CORRETORA DE
TÍTULOS E VALORES
MOBILIÁRIOS S.A.

Gestão:
Joule Asset Management

Dados para investimento:
Favorecido: JOULE APADMA FIM
CNPJ: 30.282.464/0001-07
BANCO SINGULARE (363)
Agência: 0001
Conta Corrente: 0042805-4

Para acessar o sumário da remuneração de prestadores de serviço clique [aqui](#).

Desempenho Histórico Joule Apadma FIM

Joule Apadma FIM										
	Data:	Valor da cota	Pat. Líq. - R\$	Var. Mês	Var. Ano	03 meses	06 meses	12 meses	24 meses	Desde o Início
Joule Apadma FIM	29/05/2026	1.135,21551622	10.303.634,58	2,4	7,1	5,0	7,5	14,6	-1,5	13,5
CDI	29/05/2026	2.060,01	n.a.	1,1	5,7	3,4	6,9	14,8	28,3	93,6

% do CDI

221,55 125,53 147,85 107,27 98,47 -5,40 14,45

Cota mais recente:

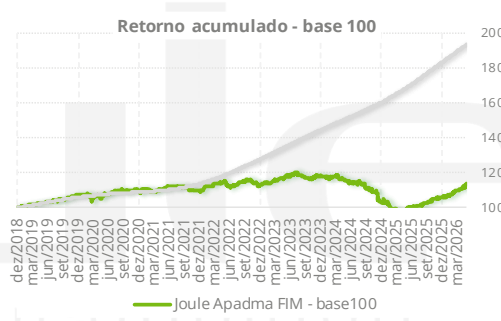
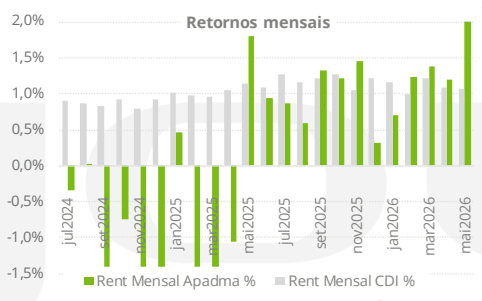
29/05/2026

Histórico de Rentabilidade:

	retorno %	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	No ano
2018	Joule Apadma FIM												0,21 *	0,21
	CDI												0,05 *	0,05
2019	Joule Apadma FIM	0,88	0,78	0,29	0,44	0,38	0,28	0,55	0,71	0,13	0,98	0,81	1,03	7,49
	CDI	0,54	0,49	0,47	0,52	0,54	0,47	0,57	0,50	0,46	0,48	0,38	0,37	5,96
2020	Joule Apadma FIM	-0,26	-0,43	-1,03	0,47	0,71	0,50	1,53	0,46	-0,27	-0,32	0,88	0,03	2,28
	CDI	0,38	0,29	0,34	0,28	0,24	0,21	0,19	0,16	0,16	0,16	0,15	0,16	2,76
2021	Joule Apadma FIM	0,12	-0,23	-0,73	0,87	1,19	0,79	-0,12	-0,17	-0,59	-1,70	0,33	0,11	-0,17
	CDI	0,15	0,13	0,20	0,21	0,27	0,31	0,36	0,43	0,44	0,49	0,59	0,77	4,42
2022	Joule Apadma FIM	1,76	0,38	1,39	0,26	0,76	-2,24	-0,18	2,18	0,19	0,68	-1,31	-0,81	3,00
	CDI	0,73	0,76	0,93	0,83	1,03	1,02	1,03	1,17	1,07	1,02	1,02	1,12	12,39
2023	Joule Apadma FIM	1,33	-0,59	1,45	0,93	1,11	0,33	1,34	-1,24	-1,07	-1,01	1,84	0,02	4,44
	CDI	1,12	0,92	1,17	0,92	1,12	1,07	1,07	1,14	0,97	1,00	0,92	0,89	13,04
2024	Joule Apadma FIM	-0,46	-0,22	0,65	-1,85	-0,62	-0,79	-0,34	0,03	-2,82	-0,74	-1,46	-5,13	-13,02
	CDI	0,97	0,80	0,83	0,89	0,83	0,79	0,91	0,87	0,84	0,93	0,79	0,93	10,88
2025	Joule Apadma FIM	0,47	-3,61	-1,47	-1,05	2,02	0,95	0,87	0,59	1,33	1,22	1,45	0,33	3,00
	CDI	1,01	0,99	0,96	1,06	1,14	1,10	1,28	1,16	1,22	1,28	1,05	1,22	14,32
2026	Joule Apadma FIM	0,71	1,24	1,39	1,20	2,38								7,11
	CDI	1,16	1,00	1,21	1,09	1,07								5,66

* início do fundo em 27/12/2018

Cota mais recente: 1.185,2



Risco

O Joule Apadma FIM busca manter baixa volatilidade, *target* do fundo é de 3% a.a. não ultrapassando 5% a.a.

Risco	Apadma	CDI
Volatilidade anual - desde o início	3,53%	0,26%
Volatilidade anual - últ. 3 meses	3,01%	0,01%
Sharpe - desde o início	-2,15	n.a.
Sharpe - últimos 3 meses	2,46	n.a.
Maior retorno mensal	2,38%	1,28%
Menor retorno mensal	-5,13%	0,05%
Meses positivos	58	90
Meses negativos	32	0
Meses acima do CDI %	34,4%	n.a.
Meses abaixo do CDI %	65,6%	



Patrimônio Líquido

Apadma	
Patrimônio líquido	10.303.634,58
Patrimônio líquido médio 12 meses	9.882.703,01
Atualizado em:	29/05/2026

Joule Asset Management

Rua Iguatemi, 192, cj 163

01451-010 . Itaim Bibi . SP

Atendimento: 11 3045 1647 ou contato@jouleinvest.com.br

www.jouleinvest.com.br



Importante:

Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos.

O investimento em Fundo não é garantido pelo Fundo Garantidor de Crédito, FGC.

A Joule Asset Management não intermedia, comercializa ou distribui quaisquer quotas de clubes, fundos ou qualquer outro ativo financeiro.

Informamos que os sócios da Joule Asset Management possuem investimentos nos fundos geridos pela empresa.

Todas as informações contidas nesse relatório têm caráter meramente informativo e, portanto, não devem ser consideradas ofertas de venda ou compra e cotas do fundo ou qualquer título ou valor mobiliário. As projeções, opiniões e valores expressos nesse relatório foram elaboradas no momento da sua publicação e estão sujeitas a alteração sem aviso prévio.

É recomendada a leitura detalhada do Regulamento do fundo que pode ser obtido em nosso website: www.jouleinvest.com.br.

Informações sobre Distribuição e Administração poderão ser obtidas junto à sua Administração e Distribuidora: Singulare Corretora de Títulos e Valores Mobiliários S.A.; Av. Brigadeiro Faria Lima, 1,355 – 5º andar, São Paulo – SP. Tel/Fax: 0800 729 7272. Website: www.singulare.com.br